

Poéticas sensíveis sobre o percurso: uma caminhada através do patrimônio imaterial

Sensitive Poetics of the Journey: A Walk Through Intangible Heritage

Rosely Kumm¹
(UFES/LEENA)
Alice Brambati²
(UFES)

Resumo: Preservar a memória de fatos culturais, por meio de constructos que comemoram, narram ou preservam, são práticas que dizem respeito a todas as sociedades humanas. Com essa mesma pretensão, o presente relato apresenta uma experiência em campo, vivenciada durante a caminhada tradicional dos “Passos de Anchieta”, que busca evidenciar como a arte pública e suas respectivas manifestações culturais de caráter imaterial podem influenciar na percepção espacial fortalecer a conexão entre a comunidade e a paisagem local.

Palavras-chave: patrimônio imaterial. Passos de Anchieta. experiência espacial. paisagens sensoriais.

Abstract: Preserving the memory of cultural events through constructs that commemorate, narrate, or safeguard is a practice relevant to all human societies. With this same intention, the present account describes an experience in the field during the traditional walk of the “Passos de Anchieta,” aiming to highlight how Public Art and its corresponding manifestations of intangible culture can influence spatial perception and strengthen the connection between the community and the local landscape.

Keywords: Intangible heritage. Passos de Anchieta. space experience, sensory landscapes.

DOI: 10.47456/col.v14i24.46476



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](#)

¹ Artista, licenciada en Artes Visuales por la UFES, educadora de arte e investigadora del Laboratorio de Extensión e Investigación en Artes - LEENA/UFES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4579476998031846>. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-9799-0405>.

² Estudante da graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Graduada e Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2580911814525809>. ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8302-985X>.

Introdução

A paisagem, como patrimônio cultural imaterial, se destaca como um elemento essencial da identidade local, refletindo não apenas suas características físicas, mas as práticas, rituais e narrativas que a cercam, os quais possuem significado e valor afetivo para a comunidade. Essas paisagens, frequentemente compostas por locais sagrados, áreas de cultivo ou espaços de convivência, são experienciadas de maneira imersiva, envolvendo os sentidos naturais como tato, olfato, visão e audição. As práticas que emergem nesse contexto são entrelaçadas com histórias e narrativas culturais que evidenciam a relação intrínseca entre o ser humano e o meio ambiente em que vive. Assim, a valorização dessas paisagens vai além da proteção do espaço físico, englobando a salvaguarda de uma rica tapeçaria de significados expressivos, que contribui para o fortalecimento da identidade social. Diante disso, esta pesquisa propõe que a ideia de paisagem cultural pode ser compreendida como uma experiência envolvente, perceptível por meio dos sentidos e capaz de desencadear memórias afetivas no habitante, o que contribui para a construção gradual de seu sentido espacial.

A construção do sentido espacial envolve aspectos cognitivos, culturais, sociais e emocionais, revelando a importância das experiências sensíveis para a relação das pessoas com o ambiente. Essa abordagem vai além da simples visualização de um espaço, e sugere uma interação dinâmica entre o corpo e o ambiente, integrando sons, cheiros, sabores, texturas e emoções, associadas a um lugar. Em "A fenomenologia da percepção" (2006), Maurice Merleau-Ponty realiza uma análise profunda da experiência perceptiva, enfatizando a inseparabilidade entre corpo e consciência. O autor argumenta que a percepção não é um processo passivo, mas um ato de envolvimento ativo com o ambiente. Ele afirma que "o corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, formando assim um sistema" (Merleau-Ponty, 2006, p. 273).

Para Yu Fu Tuan, as experiências sensoriais moldam as impressões que adquirimos sobre os ambientes e seus elementos, atribuindo-lhes significado e valor (Tuan, 1983, p. 39). Nesse sentido, o espaço é mais do que uma dimensão física; é uma construção humana, social e cultural repleta de significados. Diante disso, os pensamentos de ambos os autores, Merleau-Ponty e Yi-Fu Tuan, tornam-se especialmente relevantes, ao se considerar a experiência sensível vivenciada pelas pessoas que percorrem “Os Passos de Anchieta”, pois, o seu percurso pode provocar-lhes percepções sensíveis, revelando uma paisagem única que se acomoda, a partir de suas capacidades, potencialidades e desafios. Essa paisagem é não apenas visual, mas tátil, sonora e olfativa, sublinhando a ideia de que cada percepção é específica ao sujeito e, quando compartilhada, pode enriquecer a compreensão do ambiente.

Preservar a memória de fatos culturais, por meio de constructos que comemoram, narram ou preservam, são práticas que dizem respeito a todas as sociedades humanas (Fonseca, 2009, p. 59). O que se pretende considerar como patrimônio cultural, nesta pesquisa, pode ser mais bem definido pelo conceito estabelecido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em que o patrimônio é composto por monumentos, conjuntos de construções, sítios arqueológicos, além de elementos imateriais que possuem fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas.³ Ou seja, patrimônio cultural é tudo aquilo que possui importância histórica e cultural, tanto para um país quanto para uma pequena comunidade, como a arquitetura, festas, danças, música, manifestações populares, artes, culinária, entre outros.

A socióloga brasileira Maria Cecília Londres da Fonseca comenta, em “Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos” (2009), que o conceito de patrimônio cultural e sua relação com o povo amplia-se para uma definição mais abstrata, que vai além do material, projetando-se para o intangível, uma vez que hábitos e costumes sociais ligados às edificações

³ Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/29>.

igualmente devem ser conservados ressaltando sua importância como patrimônio (Fonseca, 2009, p. 66). Segundo a autora, um gesto, uma forma de dança folclórica, uma romaria, uma receita antiga ou uma prática tradicional possuem natureza efêmera, e podem deixar de existir caso não desperte uma imagem mental forte, que represente significado.

A imaterialidade é relativa, e nesse sentido, talvez a expressão Patrimônio Intangível seja mais apropriada, pois remete ao transitório, fugaz, que não se materializa em produtos duráveis. Em relação à Procissão de Fogaréu⁴, por exemplo, apenas algum tipo de registro documental pode viabilizar o acesso contínuo (e relativo) a essa manifestação cultural (Fonseca, 2003, p. 68).

Diante disso, o evento denominado “Passos de Anchieta” é uma caminhada coletiva que acontece anualmente, no fim de semana do feriado de Corpus Christi, no Estado do Espírito Santo. Historicamente, o evento rememora o percurso realizado por José de Anchieta, discípulo enviado ao Espírito Santo, em 1587, para gerenciar as missões jesuíticas no estado. A cada mês, o padre percorria o trajeto entre Reritiba (Vila de Anchieta) e a vila de Vitória, sede da Capitania do Espírito Santo, onde ficava o Colégio de Santiago (hoje Palácio Anchieta), a sede dos jesuítas no Espírito Santo, seguindo sempre pelo litoral.

Com o tempo, devotos e admiradores do trabalho missionário do padre Anchieta passaram a realizar o mesmo trajeto em homenagem ao jesuíta, numa caminhada de contemplação, autoconhecimento e inspiração, dando início à romaria em 1998, que permanece ainda hoje. Hoje, o percurso é realizado em 4 (quatro) dias, se inicia na Catedral Metropolitana de Vitória (capital do Estado) e é finalizado no Santuário de Anchieta, no município de mesmo nome, passando ainda pelos municípios de Vila Velha e Guarapari, totalizando um trajeto de aproximadamente 100 km

⁴ A Procissão do Fogaréu acontece anualmente durante a Semana Santa na Cidade de Goiás, antiga capital do Estado de Goiás. Disponível em: <https://festaspopulares.iesa.ufg.br/p/547-procissao-do-fogareu>.

(cem quilômetros). Segundo a organizadora do evento, a ABAPA,⁵ trata-se de um ato religioso, mas também uma peregrinação turística de imersão para compreensão sócio-histórica, valorização, preservação e reconhecimento dos patrimônios culturais materiais e imateriais registrados em nível estadual do Espírito Santo, presentes na trajetória constituída pelo padre José de Anchieta.

Nesse sentido, destaca-se que cada indivíduo constrói uma relação afetiva com o espaço experimental de forma gradual, que lhe confere uma imagem mental (uma memória) que por si só tem a capacidade de desenhar a identidade coletiva do lugar e assegurar o sentimento de pertencimento aos seus habitantes (Cirillo, 2015, p. 211). Embora os habitantes de diversas localidades, sendo comunidades no interior ou metrópoles urbanas, por algum motivo tenha sido levados a crer que existam cidades melhores/maiores que a sua, com mais oportunidades de trabalho, educação e lazer cultural; embora esses sujeitos escolham viver novas experiências, adquirindo outros conhecimentos em diferentes lugares, existe uma “força”, de caráter sensível, presente em cada sujeito, formando um elo entre ele e a cidade a qual permanece; uma memória afetiva que, independentemente do tempo e a distância, continua presente na mente.

Essa força é composta por todos os elementos físicos ou subjetivos que representam aspectos históricos e culturais de uma sociedade. Para tanto, as manifestações culturais consideradas patrimônio imaterial, encontradas nos diversos ambientes de uma cidade, podem contribuir para legitimar esse sentimento de pertencimento e identidade social despertado no sujeito. Logo, essas ideias são imprescindíveis para explorar a temática deste relato, que busca analisar as relações afetivas existentes entre sujeitos, a paisagem, a esfera pública e suas manifestações imateriais, destacando-os como uma tríade que compartilha o mesmo sentimento de pertencimento a um lugar e, portanto, deve ser preservado, tanto como patrimônio histórico-cultural quanto como

⁵ Associação Brasileira Amigos dos Passos de Anchieta. Disponível em:
<https://mapa.cultura.es.gov.br/agente/5035/#info>.

parte constituinte da identidade social dos indivíduos. Diante disso, o presente relato apresenta a experiência em campo, durante a caminhada dos Passos de Anchieta que, combinada com a pesquisa, propõe uma reflexão sobre a percepção e contemplação da paisagem como patrimônio imaterial.

Relato: a cada passo o caminhar me refaz

Em 2016, tive minha primeira experiência na caminhada descrita no item anterior. Sou capixaba, nascida em Guarapari e criada em Vila Velha e, há tempos, tinha interesse em fazer o percurso para conhecer paisagens que eu sabia, através de reportagens e propagandas, serem muito atraentes, mas que não tive a oportunidade de conhecer pessoalmente antes da caminhada dos Passos de Anchieta daquele ano.

Decidi enfim me organizar melhor para participar. Por falta de companhia (e naquele momento eu acreditava ser importante ter uma companhia conhecida para ir), pensei em desistir, até que meu pai, para não frustrar meus planos, decidiu ir comigo, mesmo sem acreditar que faria todo o percurso proposto. Eu também tinha dúvidas quanto à minha capacidade física para alcançar tal objetivo, afinal nós não éramos atletas, nunca tínhamos feito uma caminhada tão extensa e nem sabíamos os detalhes, equipamentos e conhecimentos necessários para uma atividade como essa. Nos inscrevemos como andarilhos aventureiros e estávamos dispostos a participar mesmo que em apenas alguns trechos e não o percurso inteiro. Esse era nosso pensamento, até a saída do primeiro dia do evento, na quinta-feira de Corpus Christi de 2016.

Logo no início da caminhada, saindo da capital, percebemos que o desafio não seria fácil. Nos primeiros quilômetros, junto com o sol, tão querido para a obtenção de boas fotos de registro, veio o calor. A constatação de que talvez a nossa pretensão fosse maior do que nossa condição física para finalizar nosso objetivo se afirmava naquele momento. Mas prosseguimos na perspectiva mais otimista de caminhar até onde nosso corpo aguentasse. Abaixo, segue a Figura 1 deste primeiro dia, tirada por mim nesse momento de animação e incertezas:



Figura 1. Arquivo pessoal. 2016. Fotografia tirada no primeiro dia do evento “Os Passos de Anchieta”, na Avenida Beira Mar, ao lado do Canal de Vitória e da Pedra do Penedo - Vitória ES. Ao lado esquerdo da imagem, parapeito de concreto que se estende por centenas de metros e separa a avenida do canal com água do mar. Próximo ao parapeito, várias pessoas caminham. A maior parte da imagem é composta pela água do mar, sem ondas, com reflexo do céu azul. Ao fundo e à direta, há uma grande pedra, com dezenas de metros de altura, do outro lado do canal.

Com o tempo, as boas surpresas, os amigos encontrados no percurso, os oásis (paradas com frutas, café, água e banheiro preparados pela organização do evento), as boas conversas e reflexões que, já no primeiro dia, começavam, e as belas paisagens do primeiro dia de Vitória e Vila Velha – ainda que já conhecidas por serem as que faziam parte do meu cotidiano, encantavam por serem vistas com outro olhar – foi nos fortalecendo e/ou anestesiando diante das dificuldades. Os últimos quilômetros desse dia são os que nos aproximaram do objetivo de chegada, no bairro da Barra do Jucu, em Vila Velha. Já sentíamos uma dor que não lembramos de ter sentido anteriormente. No jardim da praça do bairro, deitamo-nos, depois comemos alguma coisa e fomos descansar na casa do meu pai, que morava mais perto dali, pensando que, provavelmente, não aguentaríamos voltar para o segundo dia. Porém, ao descansar e nos alimentar em casa, percebemos que a dor duraria apenas um período, depois dos 23 km (vinte e três quilômetros) aproximados percorridos. Decidimos que voltaríamos para o segundo dia.

Como previsto, voltamos cedo para a Barra do Jucu para dar continuidade ao percurso. Há uma série de alongamentos feitos coletivamente, uma Missa na Igreja Católica do bairro, para quem deseja participar, e a caminhada segue sem muita cerimônia. Eu não sabia, mas esse era o dia mais difícil e temido por quem já tinha experiência nessa caminhada. O temor se deve ao percurso ser o maior dos quatro dias, com 28 km (vinte e oito quilômetros), ao fato de que grande parte dele é realizado na areia da praia e pelo percurso na reserva ambiental de restinga do Parque Estadual Paulo César Vinha, em que não é possível fazer paradas nos oásis citados anteriormente. Vale ressaltar, neste ponto, que naquele dia, ao decidir voltar para a caminhada, um compromisso implícito havia se firmado. Meu pai e eu já tínhamos percebido que nossos limites físicos e até psíquicos iam bastante além daqueles em que acreditávamos existir um dia antes. Se conseguimos fazer o percurso inteiro de um dia e chegar bem no outro para continuar o percurso, talvez não seria impossível fazer o percurso de mais um dia. Uma esperança de finalizar os 100Km surgiu. Com essas novas perspectivas, decidimos entrar no último trecho do segundo dia do evento, que é justamente o parque. Naquela primeira vez, a experiência foi transcendente de dor e superação, mas também de introspecção, reflexão, autoconhecimento, além de aprofundamento no relacionamento com meu pai, por talvez termos passado por esse processo de interiorização tão intenso juntos. A gente saiu desse segundo dia mais confiante, tanto em nós mesmos quanto na vida e no controle que não cabe a nós alcançarmos. Chegamos a Setiba, um bairro de Guarapari, outro município do Espírito Santo, mais cansados, cheios de dores e eu com algumas bolhas nos pés, mas também mais certos de que voltaríamos no dia seguinte. Era preciso apenas descansar e dormir um pouco. Para isso, fomos em direção à casa de uma tia, que morava em um bairro perto dali. Chegando lá, depois de me organizar com alimentação, banho e preparativos para o sono e para o dia seguinte, fiquei conferindo as fotos dos dois últimos dias e senti a necessidade de escrever sobre o que estava acontecendo no evento em que participávamos, descrevendo as revoluções

pessoais que aconteciam, naquele momento, em mim mesma.

O terceiro dia talvez tenha sido o que mais aguardei antes de iniciar a caminhada. As sensações nesse dia eram bem diferentes. Chegamos animados, apesar de cansados, e fizemos o percurso muito empolgados com as paisagens – que consideramos as mais belas. Também é esse um trajeto feito no município de Guarapari, nossa cidade natal. Atravessamos o trajeto apreciando a paisagem e percebendo, sem dar importância, as dores físicas e a distância do percurso. Talvez por isso, não tenha sido um dia de muitas reflexões. Ao terminar o percurso previsto, na praia de Meaípe, almoçamos um típico peroá frito no local e voltamos para a casa da minha tia. Os meus escritos feitos em uma espécie de diário continuavam.

Ao acordar, no quarto dia de evento, despertamos mais dispostos, sentimo-nos como andarilhos mais experientes, capazes de completar uma jornada de quatro dias de caminhada. Alongamos e continuamos a caminhar, tendo como rumo o Santuário de Anchieta. Aquele último dia do percurso parece um resumo de todos os outros. Já começamos com várias dores, então o sentimento de superação e reflexão volta a ser constante, mas as belas paisagens; o acolhimento especial da população de Anchieta, com sua disponibilidade de apoio, petiscos e bebidas; a consciência de aproveitar o último dia de evento; as companhias e amizades já feitas nos dias anteriores; e o sentimento de pertencimento fizeram desse momento um tempo cheio de nostalgia. A chegada foi uma mistura de alegria, pela superação, e de tristeza, por não termos o dia seguinte para continuar a caminhada. Na verdade, o sentimento, ao chegar no Santuário, foi de que esse caminho não iria mais acabar e que ele se fundiria à própria vida, tanto a de antes, por mais que eu não tivesse me dado conta até então, quanto a de depois dali. Aquela força que descobri em mim nunca mais seria tão subestimada como era antes. A Figura 2 retrata o local de chegada.



Figura 2. Arquivo pessoal. 2016. Fotografia tirada no último dia do evento “Os Passos de Anchieta”, no Santuário Santuário Nacional de São José de Anchieta - Anchieta ES, local de chegada dos andarilhos. Fotografia de um ambiente festivo, com centenas de pessoas em diversas posturas, com um templo de paredes brancas e janelas pequenas ao fundo e um galho de uma árvore que corta a imagem da esquerda para a direita em seu parte superior.

Eu nunca imaginei que essa experiência seria tão espiritualizada como foi, apesar do objetivo, ao decidir ir, não ser de aspecto religioso. Descobri, com o tempo, graças ao livro que nasceu dessa experiência, escrito por mim, que esse não é um sentimento apenas meu, mas sim coletivo. Essa caminhada nunca mais parou em mim, como eu acreditei que aconteceria quando chegassem ao Santuário. Ela continuou por meses, na escrita do livro, na experiência da sua edição, publicação e divulgação, inclusive, no próprio evento dos Passos de Anchieta, nas edições seguintes. Ela continuou nas conversas posteriores, com os leitores dos livros, e daqueles que se identificaram com os sentimentos, tanto de quem teve sua experiência nos Passos de Anchieta quanto de quem caminha pela vida, mesmo sem ter participado ainda desse evento. Fui leitora, depois de uns anos, do meu próprio livro, e o caminho sempre se refaz com novas surpresas. Eu faço a caminhada e o caminhar me refaz.

Resultados e discussões

Segundo Márcia Sant'Anna (2009), por muito tempo, as sociedades ocidentais consideravam que o patrimônio cultural estivesse unicamente vinculado a elementos tangíveis. Somente com a expansão cronológica, tipológica e geográfica, sofrida pelo patrimônio, após os eventos que marcaram a Segunda Guerra Mundial, foi que práticas, rituais e processos culturais imateriais passaram lentamente a serem considerados bens patrimoniais tão relevantes quanto monumentos, arquiteturas e painéis físicos (Sant'anna, 2009, p. 51). Embora fugaz, os Passos de Anchieta conferem ao cenário e às cidades percorridas, durante a caminhada, um significado particular, que é reforçado a cada ano, construindo expressões populares de conhecimento, que se relacionam com o meio ambiente e a paisagem, que são indissociáveis de sua identidade como patrimônio imaterial.

O relato descrito documenta a experiência física e emocional de uma pessoa ao percorrer os quase 100 km referentes à caminhada dos Passos de Anchieta. Neste texto, há registros de momentos de introspecção e autoconhecimento que me aproximaram de meu pai e outros colegas caminhantes; além de aproveitar as belas paisagens do percurso entre Vitória e Anchieta, que apesar de já serem conhecidas, encantavam por serem vistas com um olhar sócio-histórico, valorizando e reconhecendo os patrimônios culturais materiais e imateriais do estado. Nesse sentido, como expõe Yi Fu Tuan, o espaço experimental vivenciado durante essa caminhada pode ter promovido sentimentos afetivos relacionados ao ambiente percorrido, despertados tanto pelas pessoas com quem me relacionei, quanto pelo lugar em si (Tuan, 1983, p.51).

Diante disso, é possível afirmar que tal experiência pode influenciar na percepção espacial, contribuindo para o desenvolvimento de relações afetivas entre a comunidade e a paisagem local através da memória histórica, que é refeita no caminhar de cada andarilho que se propõe a atravessar esse caminho. As surpresas, as dificuldades, os prazeres, a paisagem, ainda que modificada a todo instante, as sensações, as dores, as

relações construídas e as conversas, o próprio ato de caminhar e o movimento, tudo isso remonta ao caminho, à história que não é apenas de uma pessoa, de uma narrativa ou de uma instituição específica, mas é construída a cada novo passo, por quem anda pelo caminho. O caminho é um bem material, mas o caminhar não. E é este último que se caracteriza neste caso como patrimônio e bem cultural.

Referências

CIRILLO, José. Destinos poéticos da paisagem: (des)apropriações autorais na obra colaborativa - entre Saudades e Guerrilhas. **Revista Signum**. Londrina: Estudos De Linguagem, v. 20, pp. 76-99, 2017.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e do cal: por uma concepção ampla de patrimônio material. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. - 2º ed. - Rio de Janeiro; Ed.: Lamparina, pp.: 59-80, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad.: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. - 3ºed. - Ed.:Martins Fontes. São Paulo, 2006.

REGATÃO, José Pedro. Do Monumento Públíco Tradicional à Arte Pública Contemporânea. In: **Convocarte**. Revista de ciências da arte, n. 1, Arte Pública. 2015, pp. 066-076. Disponível em:
http://convocarte.belasartes.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2015/12/Convocarte_1_site.pdf. Acesso em: 06 out. 2024.

SANT'ANNA, Márcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. - 2º ed. - Rio de Janeiro; Ed.: Lamparina, pp.: 49-59, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Ed.: Difel; São Paulo. 1983.

Recebido em: 21 de outubro de 2024.

Publicado em: 30 de dezembro de 2024.